

JORGE FIGUEIRA

O ARQUITECTO AZUL

O ARQUITECTO AZUL

JORGE FIGUEIRA



TÍTULO
O ARQUITECTO AZUL

AUTOR
Jorge Figueira

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
E-mail: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

INFOGRAFIA
Carlos Costa

IMPRESSÃO
www.artipol.net

ISBN
978-989-26-0067-3

ISBN Digital
978-989-26-0197-7

DOI
<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0197-7>

DEPÓSITO LEGAL
319125/10

Prefácio. Para quem gosta de Arquitectura – José António Bandeirinha	7
Um pouco mais de azul. Nota introdutória – Jorge Figueira	9
Parte I - Artigos	
A Geração de 60	13
Aprender com Espanha	16
Estado de Emergência: a 10ª Exposição Internacional de Arquitectura da Bienal de Veneza	19
Apologia da Casa Recuperada	23
A Casa dos Outros	26
Esta Casa não Existe	29
Linguagens de Prazer	32
Luz Cubista sob Solo Português	35
Siza/Souto de Moura (Nip/Tuck)	38
A Periferia Perfeita	41
O ADN da Arquitectura Portuguesa Está Aqui	45
Parte II - Colunas	
Sobre um Espelho em Veneza	51
A Arquitectura Tóxica	54
A Diferença Portuguesa (Livre Circulação/Toll Free)	56
Daysleeper	58
Uma Saída para Coimbra	60
O Factor Zumthor	62
Uma Arquitectura Feliz	64
Barack Obama: a Design for Living	66
Parte III - Ensaios	
Um Mundo Coral: a Arquitectura de Álvaro Siza	71
Álvaro Siza. Modern Redux. Ser exacto, ser feliz	78
A Mão que Embala o Berço: Pancho Guedes Dentro e Fora do Team 10	86
O Projecto Sonâmbulo	94
O Mundo Português	100
Encontrar Casa. O Panorama Residencial em Portugal.	106
A Casa do Lado	112
No lugar da “Avenida Central”	118
Créditos	128

O Arquitecto Azul é uma antologia de textos, escolhidos, alinhados e organizados pelo próprio autor. Lê-los, ou, nalguns casos, relê-los, permite-nos, como em tantas outras antologias, encará-los segundo perspetivações muito diversificadas que radicam, no essencial, em dois caminhos possíveis. Ou os tomamos um a um, tentando decifrar percursos cronológicos e contextuais, descortinar os sinais dos tempos da escrita, procurar as motivações particulares, perceber o seu sentido específico; ou os lemos como um todo e lhe fiamos o sentido comum, desvendando assim uma lógica que se pode assumir como o posicionamento do autor perante o tema, e também como o seu etos perante nós, os seus leitores.

No caso deste livro, porém, não é fácil, nem linear, enveredarmos a leitura por um destes caminhos. Se, por um lado, cada texto se constitui em si mesmo como um manancial de reflexões contextualizadas e articuladas sobre um determinado tema, quase sempre relacionado com a actualidade arquitectónica, por outro lado, conseguimos percorrer o conjunto de textos como um todo, um todo que se harmoniza de modo natural, quase imperceptível, com as partes. Sem perdermos nunca o sentido específico de cada um dos temas, vamos, assim, construindo um propósito mais vasto que, subtilmente, se lhes vai sobrepondo.

No primeiro bloco de textos, visitamos diversas geografias do panorama cultural e arquitectónico da contemporaneidade, algumas delas contendo, qual caixa de Pandora, outras que se desdobram no seu seio: Espanha em Nova Iorque, Hannover em Coimbra, toda a magia dos anos oitenta no Porto, as casas pobres do Hemisfério Sul nos Giardini ou as mega-estruturas metropolitanas do mundo no Arsenal. E nos Kensington Gardens, quando tudo parecia propício ao descanso, inquietamo-nos com o Pavilhão de Koolhaas. Os acontecimentos do mundo da produção arquitectónica são tratados numa perspectiva crítica e eloquentemente emoldurados nos seus contextos sociais e culturais. Emerge, assim, entre abundantes referências comparatísticas com outros domínios da cultura, a reflexão sobre as raízes da mais erudita arquitectura que hoje se pratica em Portugal, sobre a controvérsia em torno da reabilitação, reconstrução ou restauro de imóveis, ou mesmo sobre a presunção de alguns supostos intelectuais portugueses, que abominam acriticamente tudo aquilo que farejam como sendo arquitectura contemporânea. No segundo bloco, embora percorrendo do mesmo modo alguns dos locais da peregrinação cultural, Jorge Figueira fala-nos do tempo, dos tempos que correm e dos que permanecem, das personalidades que os assinalam, dos spots massificados que os fazem vibrar e dos que caem no esquecimento imediato. Fala-nos do tempo de Obama e do “futebolista” que vive na casa à prova de pop, devidamente imunizada por Souto Moura, fala-nos do tempo da afirmação do inafirmável e do da negação do inegável, fala-nos do tempo de Coimbra, entre um passado tirano e um futuro mitigado. Sem forçar o apelo a argumentações demasiado encerradas na Teoria da Arquitectura, e sem, contudo, as negar liminarmente, fala-nos dessa relação, tantas vezes grave e petrificada, entre o tempo e os espaços que utilizamos, entre o carácter de longa duração da Arquitectura e da Cidade e o fluir gasoso e transitório dos momentos, das imagens e das palavras no mundo actual. Fala-nos também da insustentável e insinuante presença no

PREFÁCIO PARA QUEM GOSTA DE ARQUITECTURA

Coimbra, Outubro de 2010
José António Bandeirinha
Universidade de Coimbra

jargão contemporâneo de termos vazios, credores de um certo êxtase tecnólatra, os quais, na obsessão de qualificar tudo e todos, alastram como epidemias tropicais. As pessoas — os arquitectos — e os lugares — as cidades — articulam-se então de acordo com uma sequência de movimentos, inteligentemente coreografada pelo autor, que tende para a construção de um zeitgeist que é, à uma, credível e fantástico, inquietante e pacificador.

No último bloco de textos, *O Arquitecto Azul* entra numa toada consistente e consumada. A dimensão global, internacionalizada e cosmopolita da arquitectura portuguesa contemporânea “entra a matar”, sem quaisquer concessões à dúvida ou à hesitação. Siza abre um desfile que ora se centra, ora se descentra do âmago da nossa — de portugueses — condição cultural. Pancho Guedes parte de Moçambique para um voo libertário pelo mundo, com uma escala fugaz, mas motivadora, no Team X. Graça Dias e Egas Vieira reinventam cidades e complicitades ao longo de uma insuspeita rede de ligações urbanas. Visitamos, sem complexos nem ressentimentos, o mercado in das casas e dos condomínios onde a Arquitectura se vende melhor que a espuma da barba e, um pouco antes de perscrutar o sentido, mais obscuro ou mais luminoso, das demolições na Baixa de Coimbra, paramos para descansar, ou para nos refundarmos, na casa de Caminha de Sergio Fernandez.

Sim, trata-se de Arquitectura, sem dúvida, mas trata-se, acima de tudo da recepção da Arquitectura na sociedade portuguesa, ou melhor, tal como sempre o fizeram os arquitectos, trata-se de aquilatar a importância real que os outros atribuem ao objecto, tantas vezes central, das nossas emoções. Uma página semanal no caderno de cultura de um jornal de referência é um óptimo começo, um programa ao serão num canal de televisão por cabo pode ser um pouco deprimente. E é desse modo que percebemos então que este livro nos oferece, fruto de uma visão simultaneamente lúcida e apaixonada, um olhar sobre nós próprios, sobre as vicissitudes da Arquitectura, como arte, como disciplina, mas, sobretudo, como instrumento transformador da realidade. Do pop ao neo-vernacular, da metáfora irónica à revalorização semântica, do oxímoro à alusão escarrapachada, tudo encontra, neste livro de Jorge Figueira, o seu lugar próprio, tudo se rende a princípios de reflexão que, em última análise e por conveniência, se encontram alojados na hospedaria da poética. Há uma proximidade quase familiar para com os temas tratados, mas não há cedências à recriminação, nem à bajulação, como alguém que constata que, para além das afinidades que se vão construindo ao longo da vida, é afinal na própria família que se encontram os melhores amigos, por isso há que tratá-los, aos temas familiares, com isenção.

Para quem gosta de Jazz, este livro de Jorge Figueira soa, pois, como uma composição. Tem um compasso firme, dado pelo baixo e pela percussão, que nos ajuda a corporizar os ritmos do tempo. Tem um tema, que vai sendo sucessivamente transformado e retomado ao longo de solos, de improvisos, de orquestrações.

O tema é Portugal, é a cultura arquitectónica em Portugal. Não é muito swingado, mas soa maravilhosamente.